

Questão 9

09

Ao tratar do drama da personagem de Tomás Antonio Gonzaga, o narrador de *O romanceiro da Inconfidência* descreve-o do seguinte modo:

“Tanto impou de namorado!

E agora, quando se mira
vê-se um mísero coitado...
(como lá diz numa lira...)

- Se nas águas se mirasse,
veria ralo o cabelo
- Um par de esporas, somente.
E murcha e pálida, a face.

- Falta-lhe aquele desvelo
da sua pastora terna...

- Deveria socorrê-lo..

-... a quem dará glória eterna!... –

Ai, que ricos libertinos!

Tudo era Inglaterra e França,
e, em redor, versos latinos...

- lá se lhes foi a esperança!

- Mas segue com seus embargos.

(Quem porfia, sempre alcança...)

- Os argumentos são largos.

- Que tem luzes, ninguém nega,

- Mas são coisas da Fortuna,
que bem se sabe ser cega...

- Não lhe sendo a hora oportuna,
perder-se-á tudo que alega”.

- a) Quais aspectos do Arcadismo aparecem nessa caracterização?
b) Em que medida o poema de Cecília Meireles contradiz esses aspectos?

RESOLUÇÃO

- a) Tomás Antônio Gonzaga, atuante como personagem do “Romanceiro da Inconfidência”, recebe os seguintes atributos típicos do paradigma árcade: sua musa (de quem lhe falta “desvelo”) é descrita como “pastora terna” (verso 10), o que marca o pastoralismo do estilo setentista; na sequência, mencionava-se a presença de “versos latinos” (verso 15), clara alusão à influência clássica na formalidade e no ideário árcade; por fim, quando certa voz, na composição dialógica, não nega a Gonzaga “que tem luzes”, tem-se uma óbvia referência ao Iluminismo (ter “luzes”, neste caso, equivale a ser ilustrado, como em “Inglaterra e França” – verso 14). Como se sabe, o Arcadismo é coetâneo do Iluminismo, e a natureza perfeitamente racional da poesia neoclássica remete ao modelo filosófico da Ilustração.
- b) O poema de Cecília Meireles, apesar de emular a formalidade de raízes clássicas, molda um Gonzaga de temperamento romântico, como um homem que “impou de namorado” (verso 1) e se converteu em um “mísero coitado” (verso 3), situação muito distante do equilíbrio racional de um pastor neoclássico. Ao lhe negar “a esperança” (verso 16), o narrador caracteriza Gonzaga como um poeta em desespero, a quem não socorre a ternura pastoril, tampouco o recurso da razão.